



**Discurso do Ministro da
Presidência do Conselho de Ministros
Agio Pereira**

Por ocasião da cerimónia comemorativa
do 50.º aniversário do assassinato dos cinco jornalistas em Balibó

**Balibó, Cinquenta Anos Depois:
Recordando os Cinco de Balibó (*Balibó Five*) e *Roger East***

Balibó, 16 de outubro de 2025

Senhoras e senhores, ilustres convidados,
caros amigos da Austrália e de Timor-Leste:

Reunimo-nos em outubro de 2025 para assinalar os 50 anos das tragédias em Balibó e em Díli, que ceifaram as vidas de corajosos jornalistas – Os *Cinco de Balibó* (*Balibó Five*) e *Roger East*.

Há cinquenta anos, cinco jovens jornalistas em Balibó, e um em Díli, colocaram-se entre o silêncio e o mundo. Eles escolheram a verdade e pagaram com as próprias vidas. Hoje, recordamo-los não como figuras distantes, mas como ecos da nossa responsabilidade — temos de falar, exigir, agir.

Neste 50.º aniversário, as suas histórias exigem que os recordemos: não apenas pelo sacrifício que estes jornalistas fizeram em busca da verdade – verdade sobre os crimes cometidos por nações poderosas contra as mais fracas. Mas também pelas lições cruciais que os seus destinos ensinam sobre as responsabilidades dos governos, os perigos do secretismo e a coragem daqueles que reportam a partir das fronteiras mais perigosas do mundo.

As suas mortes não são meras notas de rodapé distantes da história. Elas permanecem feridas na nossa consciência: recordações do custo humano do conflito, da fragilidade da verdade em contextos de guerra e do pesado fardo da responsabilidade moral além-fronteiras.

No contexto desta comemoração, gostaria de falar tanto à memória como às perguntas: Por que estavam eles a fazer reportagem em Balibó? Qual foi a resposta às suas mortes? E que significados têm estes acontecimentos para os australianos e timorenses, à medida que refletimos sobre a passagem deste meio século?



Os seis jornalistas australianos mortos em Timor-Leste em 1975:

Gary Cunningham, Brian Peters, Malcolm Rennie, Greg Shackleton, Tony Stewart e Roger East.

Para compreender as mortes dos *Cinco de Balibó (Balibó Five)* e de *Roger East*, precisamos de as situar na dinâmica política e militar de Timor-Leste em 1975 — um momento de descolonização, de polarização, de esperança e de grande perigo.

O Timor Português foi colónia portuguesa durante séculos. Após a Revolução dos Cravos de 1974, Portugal iniciou a descolonização dos seus territórios ultramarinos. Em Timor-Leste, isto criou um vázio: os movimentos locais disputavam a liderança, e as potências regionais observavam de perto.

Uma tentativa de golpe, apoiada pela Indonésia, em agosto de 1975, desestabilizou a administração portuguesa. As autoridades portuguesas enfraqueceram, entre a retirada e o abandono do território. Neste vázio, destacou-se o popular partido político Fretilin. A 28 de novembro de 1975, numa tentativa de conter uma invasão do seu enorme vizinho, a Fretilin declarou a independência da República Democrática de Timor-Leste.

Do outro lado da fronteira, a Indonésia estava sob o regime de Suharto, apoiado pelas nações ocidentais. A Indonésia via Timor-Leste como um risco geopolítico: um pequeno estado independente na sua fronteira, potencialmente instável politicamente e suscetível à influência esquerdista. E via também os seus potenciais recursos de petróleo e gás.

A Indonésia já tinha aumentado os ataques militares e as incursões em Timor-Leste, depois da sua tentativa de golpe ter falhado.

Em outubro de 1975, no meio deste volátil teatro político e militar, os *Cinco de Balibó (Balibó Five)* chegaram, com o objetivo de levar o drama em desenvolvimento à atenção do mundo.

O que aconteceu aos *Cinco de Balibó (Balibó Five)*

Em 16 de outubro de 1975, os cinco jornalistas da televisão australiana estavam em Balibó para investigar os relatos de incursões das forças indonésias.

O grupo era composto por:

Greg Shackleton (australiano, repórter do Canal 7)

Tony Stewart (australiano, técnico de som do Canal 7)

Brian Peters (britânico, operador de câmara do Canal 9)

Malcolm Rennie (britânico, repórter do Canal 9)

Gary Cunningham (neozelandês, operador de câmara do Canal 7)

Em Balibó, a partir do antigo Forte nas proximidades, eles tinham uma vista perfeita da costa em direção à fronteira com a Indonésia. Pouco depois, eles encontraram patrulhas da Fretilin e entraram em contacto com o líder timorense Dr. José Ramos Horta. Eles conseguiram então filmar navios da marinha indonésia ao largo.

Os jornalistas ficaram aqui, numa então casa abandonada, onde pintaram uma bandeira da Austrália, na esperança de que o seu estatuto de jornalistas lhes garantisse alguma proteção. Eles apelidaram a casa de “embaixada de Austrália” em reconhecimento da proteção que esperavam, mas que na realidade não tiveram.

Na madrugada de 16 de outubro de 1975, as forças indonésias lançaram um ataque a Balibó, como parte de uma operação secreta chamada *Operasi Flamboyant*, com o objetivo de tomar as cidades fronteiriças estratégicas de Maliana, Atsabe e Balibó, como primeira etapa da invasão total.

Naquela manhã, poucos minutos depois de filmarem os avanços dos soldados das forças especiais, os cinco jornalistas estavam mortos. Eles foram assassinados a sangue-frio pelas forças indonésias, com o objetivo de os silenciar, para suprimir as provas do envolvimento militar indonésio em Timor-Leste.

Por um momento, as forças invasoras indonésias recuaram e hesitaram, aguardando as reações oficiais do mundo aos assassinatos. Mas a verdade é que não houve nenhuma reação.

Poucas semanas depois, as forças indonésias lançaram uma invasão em grande escala, que deu início a uma ocupação brutal de 24 anos, durante a qual cerca de 200.000 timorenses morreram, vítimas de violência, fome e deslocamentos forçados. Foi nada menos do que uma catástrofe humanitária.

O que aprendemos foi que a verdade não pode ser escondida

A posição oficial pública da Indonésia, defendida durante muito tempo e repetida pelos sucessivos governos australianos, era que os jornalistas tinham morrido como vítimas acidentais de fogo cruzado durante os combates. Contudo, ao longo das décadas seguintes, surgiu uma versão muito diferente, apresentada por meio de depoimentos, inquéritos e, principalmente, jornalismo de investigação.

Em 2007, em Nova Gales do Sul, a médica legista adjunta estadual Dorelle Pinch conduziu um inquérito sobre a morte de Brian Peters, após pressão das famílias, e, ao fazê-lo, estendeu implicitamente as conclusões a todos os cinco jornalistas.

As suas conclusões foram contundentes: os *Cinco de Balibó* (*Balibó Five*) morreram em Balibó, em 16 de outubro de 1975, devido a ferimentos sofridos quando foram baleados e esfaqueados deliberadamente por membros das Forças Especiais indonésias, e não no calor da batalha. Ela identificou os soldados que agiram sob

ordens para impedir que os jornalistas revelassem que as Forças Especiais indonésias tinham participado no ataque a Balibó.

A médica legista concluiu que os jornalistas não foram vítimas acidentais: eles foram capturados como não-combatentes e depois deliberadamente executados, apesar de terem protestado tendo em conta o seu estatuto de jornalistas.

Ela encontrou ainda provas circunstanciais convincentes de que as ordens vieram de níveis superiores, possivelmente até do Major-General Benny Murdani, chefe das forças especiais indonésias.

O relatório da médica legista recomendou que fossem consideradas ações judiciais ao abrigo das disposições australianas relativas a crimes de guerra, mas isso nunca aconteceu.

À medida que as forças indonésias avançavam em direção a Díli, trabalhadores humanitários e equipas médicas australianas juntaram-se aos outros correspondentes estrangeiros em Timor e retiraram-se para a Austrália. *Roger East* decidiu ficar, planeando fugir com as forças da Fretilin para as montanhas e transmitir relatórios para a Austrália por rádio.

A sua última transmissão para o programa *Correspondents Report* da ABC, em 7 de dezembro de 1975, descreveu a invasão das tropas indonésias na capital Díli.

No dia seguinte, *East* ficou encurralado em Díli e foi capturado pelos soldados indonésios. Depois de ser feito prisioneiro, foi executado com um tiro na cabeça no cais do porto de Díli, a par de uma execução em massa de prisioneiros e civis timorenses. Ele foi executado como continuação da campanha indonésia para silenciar as notícias independentes.

Em suma, a postura da Austrália em 1975 e posteriormente, até à intervenção da *Interfet* em 1999, refletiu um alinhamento entre *realpolitik*, alianças regionais, cautela diplomática e interesses estratégicos — um alinhamento que, segundo muitos, subalternizou a proteção dos jornalistas e do povo de Timor-Leste, bem como o imperativo moral da justiça.

Tanto no caso dos Cinco de Balibó (*Balibó Five*) como na morte de *Roger East* — tal como no caso da invasão indonésia de Timor-Leste — as alegações de conluio, supressão da verdade e encobrimento diplomático são muito fortes.

Em resumo, décadas de silêncio, arquivos confidenciais e deferência diplomática permitiram que grande parte da verdade permanecesse enterrada — na justiça, se não na memória.

O imperativo moral da memória

Ao comemorarmos 50 anos desde estas mortes, o que é que esta memória deve oferecer ao público australiano e timorense?

Para os australianos:

Honrar a coragem jornalística: Os *Cinco de Balibó (Balibó Five)* e *Roger East* personificaram o princípio essencial de que os jornalistas arriscam as suas vidas para relatar verdades que outros gostariam de suprimir. O seu sacrifício exige que honremos a liberdade e a proteção da imprensa no trabalho de busca da verdade.

Reconhecer a cumplicidade do Estado: Muitos australianos sentem há muito tempo um certo desconforto pelo facto de o seu governo ter tacitamente abandonado os seus próprios cidadãos em silêncio. Reconhecer, enfrentar e aprender com esse fracasso é vital para a integridade nacional.

Defesa da justiça: Embora ainda existam obstáculos legais (tempo, provas, jurisdição), os australianos ainda podem exigir a divulgação de materiais confidenciais, novas investigações e pressão diplomática para que haja responsabilização.

Lições de política externa: As mortes de Balibó e de *East* – bem como do povo timorense – servem como um alerta necessário contra o alinhamento acrítico com nações poderosas. Elas mostram o custo moral do comprometimento político. Também nos pressionam a colocar os direitos humanos, e não apenas os interesses estratégicos, no centro da política regional.

Para nós, os timorenses:

Respeito pelo sofrimento: As comunidades timorenses (as nossas comunidades) sofreram perdas profundas ao longo de décadas. Recordar os *Cinco de Balibó (Balibó Five)* e *Roger East* afirma que a sua história faz parte da luta de uma nação pela dignidade e pela verdade.

Solidariedade internacional: A presença de australianos e outros em Timor-Leste confirma que a causa de Timor teve muitos apoiantes para além das suas fronteiras. Isso fortalece laços de confiança e parceria moral que já duram há muitos anos.

Vigilância contínua: Mesmo num Timor-Leste independente, as lições persistem: a verdade deve ser protegida e nenhuma história deve ser ocultada por uma nação ou por uma aliança.

Lembramos que justiça atrasada não é justiça negada

Cinquenta anos é muito tempo. No entanto, a memória é importante precisamente porque a justiça nunca é automática.

A comemoração não é passiva. É uma prática ativa da memória: exigir transparência, pressionar pela desclassificação, renovar investigações, apoiar a formação em jornalismo e fortalecer as normas internacionais de proteção aos jornalistas.

Frequentemente são realizadas cerimónias para celebrar não apenas as vidas de Shackleton, Cunningham, Stewart, Rennie, Peters e *East*, mas também para renovar o compromisso com os princípios da liberdade de expressão e da responsabilização internacional.

Na Austrália, memoriais como o *War Correspondents Memorial* em Canberra e, em Timor-Leste, a Casa Balibó, permanecem como locais de memória. E as famílias dos *Cinco de Balibó (Balibó Five)* continuam a apoiar uma clínica e escolas aqui em Balibó.

O sindicato dos jornalistas, a *MEAA: Media, Entertainment & Arts Alliance*, e a *APHEDA-Union Aid Abroad* administram o programa “*Balibó Five – Roger East Fellowship*” para oferecer apoio e formação a jornalistas timorenses através de bolsas de estudo. **É um legado vivo da memória em ação.**

Mas a memória não basta: cada geração deve afirmar que a verdade é importante, que o custo suportado por aqueles que deram a voz não deve ser em vão.

Aos *Cinco de Balibó (Balibó Five)* — Shackleton, Stewart, Cunningham, Peters, Rennie — e a *Roger East*: os vossos nomes não são esquecidos, o vosso sacrifício ainda exige justiça, a vossa coragem ainda nos chama para a frente. Que não desiludamos aqueles que tão bravamente lutaram pela verdade.

Cinquenta anos é uma longa distância. As novas gerações na Austrália e em Timor-Leste podem perguntar: porquê insistir tanto nos acontecimentos de 1975? **É porque a memória faz de ponte entre tempos diversos e o dever moral não expira.**

O legado dos *Cinco de Balibó (Balibó Five)* é indissociável da história de Timor-Leste — da sua luta pela independência, da política regional que moldou o seu destino e da busca internacional pela verdade entre a violência e a negação. O seu sacrifício perdura em cada ato de memória, em cada passo rumo à reconciliação e em cada história que honra aqueles que enfrentam a injustiça.

As mortes dos *Cinco de Balibó (Balibó Five)* e de *Roger East* sublinham que, em momentos de ruptura histórica, falar é arriscar a vida. **Elas lembram-nos como regimes poderosos podem controlar a narrativa silenciando testemunhas.**

Elas desafiam os governos a não trocarem a clareza moral pela conveniência diplomática. E exigem de nós – desta geração e da próxima – que mantenhamos aberto o espaço para a verdade, a justiça e a memória.

Como australianos e timorenses – vizinhos ligados pela geografia, pela história e pela humanidade –, a nossa responsabilidade está interligada. Que este 50.º aniversário não seja uma mera cerimónia, mas sim uma renovação: da memória, do compromisso e da determinação em honrar os que morreram, garantindo que nenhuma voz pela verdade seja novamente silenciada.

Obrigado.